

(Mudar o título
UMA LUZ NO POENTE
e alterar)

- Um programa de Roberto Lis -

(Característica musical forte)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sôbe a característica)

ROBERTO: - UMA LUZ NO POENTE!... (Sôbe outra vez a característica)

SPEAKER: - Um programa que Roberto escreveu, dirige e interpreta com os seus Artistas, no Grande Teatro Difusora, sob o patrocínio exclusivo dos Chuveiros Elétricos Amaral.

(ENTRA AQUI A PROPAGANDA DOS CHUVEIROS ELETRICOS AMARAL)

UMA LUZ NO POENTE é mais uma historia estuante de vida e repleta de lances emotivos, criada pela fertilidade da imaginação de Roberto Lis para a emotividade dos seus inúmeros ouvintes que o apaludem sem restrições.

É a seguinte a distribuição de "UMA LUZ NO POENTE":

Muscillo	- Evandro.....	Mora	Olavo Engel	Roberto
Lucia	- Marília.....	Conceição	Edna Castro	Mora
Traca	- Augusto.....	Roberto	Roberto Lis	Rubens
Indira	- Belmira.....	Maria	Mina Rosa	Mario
Roberta	- José.....	Maria	Cláudio Real	Lucas
Yessa	- Ana Teodora.....	Lilia	Lilia Maria	Mario
Lady	- Dr. Marcio.....	Mario	Chico Coelho	Lucas
Amilda	- Cacilda.....	Maria	Alice Aveiro	Lucas
Sergio	- Evandro aos 12 anos.....	Maria	Pitágoras	Lucas
	Encarregado do Estúdio.....		Emílio Belo	
	Sonofonia de.....			

(Característica musical forte, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).

- Evandro - Não poderemos continuar indefinidamente nesta situação, Marília. É forçoso que tomemos uma deliberação qualquer.
- Marília - Também me parece, Evandro, entretanto... eu não sei que resolução deva ser.
- Evandro - Se me permitisses eu diria tudo francamente a teu pai e te pediria em casamento.
- Marília - Mas se ele e mamãe nunca permitiram o nosso namoro pela razão de morares em casa conosco, não tenho dúvida alguma que, pela mesma razão, não de se opor muito mais ao nosso noivado.
- Evandro - Bem sei, mas eu terei o cuidado de lhe dizer que sairei de casa. Irei morar fora. Afinal eu estou trabalhando bem, tenho um ordenado relativamente bom, não seria difícil nem impossível instalar-me num hotel ou numa pensão.
- Marília - Não sei, Evandro... eu também estou cansada desta situação de incerteza e destes encontros furtivos dentro da nossa própria casa. Daria tudo para que a situação se normalizasse e nós pudessemos andar, como os outros namorados felizes e lado a lado. Tenho um medo enorme, entretanto, que papai não concorde com os nossos projetos.
- Evandro - Marília: tens a certeza de que me amas bastante?
- Marília - Óra, Evandro, creio que já tiveste provas suficientes para não duvidar um só instante do meu amor por ti.
- Evandro - Pois bem, neste caso, então, não deves te opôr a que eu fale com teu pai e tente solucionar de uma vez esta situação de incerteza que já vai pesando demais sobre as nossas vidas.

Marília - E se eu mesma lhe falasse antes? Se sondasse a sua opinião antes que te tivessem dirigido a ele?

Evandro - Pensas que seria melhor assim?

Marília - Penso que sim. Pelo menos já saberias a maneira como seria recebido por ele.

Evandro - E quando ~~me~~ farias isto?

Marília - Hoje mesmo, se quizesse. Hoje à noite mamãe irá à casa de dona Leopoldina ajudá-la nos aprontes do batizado da Heleninha, papai estará só se ser uma ótima oportunidade.

Evandro - Pois bem, se te parece que assim ficará melhor, fala-lhe hoje então.

Marília - E se ele continuar na sua negativa não devemos, por isto, perder a nossa esperança, Evandro.

Evandro - Claro que não, Marília. Havemos de encontrar uma outra solução que nos conduza ao resultado que tanto ambicionamos. A persistência foi sempre - em todas as lutas - um dos grandes fatores da vitória.

Marília - Pois bem, estamos combinados, então. Hoje à noite falarei a Papai.

(CORTINA MUSICAL)

Marília - ... e assim esperamos e desejamos que o senhor esteja de acordo com a nossa resolução, papai.

Augusto - (Pausa) Não, minha filha. Não pôde ser.

Marília - Mas não pôde ser porque, papai?

Augusto - Porque não pôde ser, minha filha. Você não deve insistir numa coisa que o seu pai está lhe dizendo que não é possível.

Marília - Mas papai, o senhor precisa compreender que se trata da minha felicidade e um simples "não pôde ser" não é o bastante para me convencer de renunciá-la. Se há razões que impeçam a realização do meu sonho, essas razões devem ser expostas para que eu possa julgá-las. Se forem realmente convincentes então eu mesma serei a primeira a não tocar mais no assunto e varrê-lo da minha imaginação.

Augusto - As razões são muitas e seria fastidioso enumerá-las, Marília. Você deve se convencer do seguinte: ninguém mais do que seu pai deseja que você seja feliz e se ele diz a você que a sua união com esse rapaz é uma união impossível, você, inteligente como é, ha de compreender que existem fortes razões.

Marília - Não, meu pai, é preciso que o senhor me diga os motivos, do contrário não sairemos deste círculo vicioso.

Augusto - Em primeiro lugar, Marília, Evandro é um rapaz que provem do nada. Nem ao menos se sabe quem são seus pais. Foi retirado de um orfanato por seu Avô e por morte deste ~~foi~~ recolhido à nossa casa, por caridade. Para quem tem um nome de família como o seu, este motivo, de per si, deveria ser mais do que suficiente para colocar entre vocês dois uma barreira intransponível.

Marília - É um rapaz bom, honesto e educado. Parece-me que tais qualidades não deveriam ser desprezadas em hipótese alguma.

Augusto - Eu não as desprezo, filha. Reconheço-as no Evandro, mas isto só não é suficiente para que ele se julgue com o direito de aspirar a mão de uma moça como você. O nome de família nunca deve ser desprezado numa ocasião destas.

Marília - Não, papai, francamente... eu não me conformo que por isto, apenas, o senhor se mantenha intransigente na sua recusa. Esse motivo que o senhor me apresenta não me demove do meu intento. Amo Evandro, sei que só me sentirei feliz ao lado dele...

Augusto - ^(Augusto) (interrompendo-a) Tolices, minha filha! Você pensa que o ama. Isso não passa de um entusiasmo de primeiro namorado. Aliás isso é natural em todas as moças da sua idade.

Marília - Não, papai, o senhor está inteiramente enganado. Afianço-lhe que amo Evandro com todas as forças de minh'alma. Quero que tenha a certeza absoluta do que lhe digo para que o senhor não continue a martirizar o meu coração com a sua intransigência. Que me importa que ele tenha sido retirado de um orfanato e não possua um pergaminho? Nome, título, fortuna, tudo isso nada comparado com a felicidade.

Augusto - ^(Augusto) Chega, Marília. Já começa a me impacientar a sua impertinência. Quando você da vida? Que entende você da felicidade? Você é uma criança de doze anos. Deve precisamente começar a se divertir, a aparecer na sociedade, frequentar bailes e cinemas, conviver com outros rapazes... rapazes que estejam na altura de aspirar a sua mão de esposa.

Marília - Não me interessam festas, nem cinemas e nem outros rapazes, meu pai.

Augusto - ^(Augusto) Basta, já disse. Não me obrigue a ser violento com você. E desista dessa ideia absurda porque não lhe darei nunca permissão para um casamento desta natureza.

Marília - Mas meu pai...

Augusto - Cale-se. Nem mais uma palavra. (Pausa) E agora retire-se. Preciso estar só. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Augusto - Falaste-lhe?

Belmira - Falei. Ela continua inflexível. Diz que ha de casar-se com ele.

Augusto - Mas não é possível! Então não compreendes que não é possível, Belmira? Não vêes que é um absurdo esse casamento? Mais do que absurdo. É um crime até.

Belmira - Eu sei, Augusto, eu compreendo, sim. Tu tens razão. Mas os argumentos que lhe apresentamos não a convencem em absoluto.

Augusto - Disseste-lhe que estou disposto a encerrá-la num convento se persistir nessa ideia?

Belmira - Disse-lhe. Ela deu de ombros e não respondeu uma única palavra.

Augusto - É de enlouquecer uma coisa destas. Prometeste-lhe a viagem, as joias?

Belmira - Tudo. Tudo que você me pediu eu disse a ela. Cheguei a mentir-lhe até que você está muito doente do coração e que o médico me disse, muito em segredo, que qualquer contrariedade mais forte poderia ocasionar-lhe um colapso fatal.

Augusto - E nem assim, meu Deus? Nem assim? Que espécie de filha é esta nossa, Belmira? Responde?

Belmira - Você quer um conselho meu, Augusto? Fale ao rapaz.

Augusto - Já lhe falei. Já lhe disse tudo que era possível dizer mas ele persiste na mesma teimosia que ela. Cheguei a exasperar-me. Cheguei a ofendê-lo.

Belmira - E porque então você não se resolve a dizer a verdade a ele, Augusto?

Augusto - A ele? Nunca!

Belmira - Pois então encha-se de coragem e conte tudo a ela. Será a única maneira de você poder evitar essa catástrofe.

Augusto - É uma coisa horrível! Nós nunca deveríamos ter recolhido esse rapaz à nossa casa.

- Belmira - Foi o último pedido de seu pai, não era possível deixar de atendê-lo.
- Augusto - Meu pai estava longe de imaginar a tragédia que se desencadearia sobre a nossa vida, não nunca teria feito semelhante pedido. (Pausa) Parece até um castigo tudo isto! Às vezes chego a pensar que se tivéssemos tido maior cuidado em conservá-los afastados nada disto teria acontecido.
- Belmira - Mais do que cuidamos e fizemos foi impossível, Augusto. A fatalidade é que é inevitável.
- Augusto - É um castigo, sim. Estou convencido que é um castigo. Não posso compreender nem interpretar isto de outra forma.
- Belmira - Não pense mais, Augusto. Cada dia que passa é tempo que você perde. Sei que é doloroso para você mas infelizmente não vejo outra maneira de solucionar mos este assunto. Faça o que lhe digo. Conte tudo à Marília. Vou avisá-la de que você deseja falar com ela. Quer?
- Augusto - Está bem, Belmira. Vá. Uma vez que não ha outro remedio...

(CORTINA MUSICAL)

- Augusto - Só eu sei, minha filha, quanto vai ser custoso para mim revelar-te a tris-tíssima verdade. E foi esta a razão porque só agora, em última instancia, me resolvi a fazê-lo. Sempre esperei que vários dias de reflexão haviam de levar-te à convicção de que eu não seria capaz de assassinar friamente o teu coração tão jovem se uma razão muito forte não me levasse a tal extremo. Tu, porem, infelizmente, não pensaste assim. Imaginaste que eu me fechava no círculo de ferro da intransigencia e que pelo mero capricho de te contrariar, opunha-me ao teu casamento com Evandro.
- Marília - Se o meu julgamento chegou a alcançar tão lamentavel extremo, meu pai, a culpa foi unicamente sua. O senhor não soube me fazer sentir uma razão mais forte.
- Augusto - Pois então hoje ficarás sabendo que ela existe em realidade. E muito mais séria, muito mais grave do que seja capaz de imaginar. Senta-te aqui perto de mim e prepara-te para ouvir uma historia longa porque uma vez que me decidi a revelar-te a verdade quero que a conheças em toda a sua extensão e nos seus mínimos detalhes. Após dezoito anos de ilusões, de sonhos e fantasias, vou ser obrigado a botar-te em contacto com as cruas realidades da vida. É pena porque passarás a encará-la, de agora em diante, por um prisma completamente diferente! É pena, repito, mas se faz necessário. (Pausa) Uma vez, ha muitos anos passados, a convite de um amigo, fui assistir a uma companhia lírica que nos visitava e que vinha de Montevideó e Buenos Aires precedida de grande fama. Sua primadona era uma patricia nossa que havia sido ovacionada pelo público platense. Levavam naquela noite A Traviata. Ana Teodóra arrebatou a plateia quando cantou a "Sempre libera". Parece mentira como tudo aquilo volta à minha memoria neste momento.

(OUVE-SE, EM GRAVAÇÃO, A ÁRIA "SEMPRE LIBERA" DA TRAVIATA,)

(AO TERMINAR A ÁRIA APLAUSOS PROLONGADOS E UMA ENORME OVAÇÃO)

- Augusto - Sua figura de mulher era impressionantemente bela e ao terminar o espetáculo eu não pude resistir à curiosidade que me assaltava de conhecê-la pessoalmente. Meu amigo procurou desvanecer-me daquela ideia, dizendo-me que às mulheres que se encontravam no galarim da fama não interessavam mais do que as opiniões dos críticos de nomeada e a personalidade obesa dos banqueiros que lhes podiam cobrir de joias caras. Sem dar ouvidos a toda aquela arenga, dirigi-me sózinho para os bastidores. Todo o meu corpo tremia como um rapazinho de doze anos que pela vez primeira se vê à frente de uma banca examinadora. Indeciso e medroso bati levemente à porta do seu camarim. Atendeu-me uma senhora gorda que soube depois ser a empregada que cuidava do seu guarda roupa. Dei-lhe o meu nome, disse ao que ia e momentos depois ela me fez entrar. Vi-me, então, frente a frente, com Ana Teodóra.

(FRASE MUSICAL)

Ana - Tenha a bondade de sentar-se, sim? Não repare o desalinho que vai por aqui. O camarim é grande mas são tantas flores, é tanta roupa que o espaço no fim se torna pequeno.

Augusto- Ora, senhorita, não se preocupe por isto. Antes de mais nada devo agradecer-lhe a honra de me haver recebido e ao mesmo tempo felicitá-la pelo seu magnífico sucesso.

Ana - Os meus patricios são muito bons, muito amáveis. Isto me conforta.

Augusto- Seus patricios são justos. Aplaudem com calor aqueles que o merecem.

Ana - Seu nome, faz favor?

Augusto- Oh meu Deus, que falta a minha!... Perdõe, sim? Augusto Bertiol.

Ana - Muito bem. Então gostou da Traviata?

Augusto- Muitíssimo. Levo comigo uma impressão arrebatadora! Mas é de justiça salientar que a senhora com a sua arte magnífica e a sua voz extraordinária foi o ponto alto de tão encantadora noite.

Ana - Oh, muito obrigada. Mas não me trate de senhora, sim? Detesto a cerimonia. Tratemo-nos por você. É um tratamento mais simpático. Mais acolhedor.

Augusto- Pois não, se a tanto me autoriza eu o farei com grande prazer. Confesso-lhe, diante disto, que me surpreende a sua simplicidade. Torna-a muito mais encantadora ainda.

Ana - Você é muito amável, muito gentil, Augusto. Eu fui sempre assim como sou. Detesto as cerimônias e os protocolos. Você nem pôde imaginar a tortura enorme que é para mim ter que comparecer a qualquer lugar - como seguidamente acontece, por onde eu ando - para receber homenagens, ouvir discursos e sentar-me depois à meza ao lado de figuras proeminentes da politica ou da sociedade. Quando essas coisas terminam eu estou cansada. Ávida de liberdade. Hoje, por exemplo, um Comendador não sei de quantos mandou-me aquela corbeille que ali está, com este cartão convidando-me a cear em sua companhia num club elegante daqui. Desculpei-me com um compromisso anterior e fiquei de marcar-lhe depois um outro dia.

Augusto- Mas quem sabe você tem realmente outro compromisso e eu estou aqui roubando-lhe o tempo?

Ana - Absolutamente. Não tenho compromisso nenhum, pôde estar certo. Esse compromisso foi um pretexto e nada mais. Tive vários convites para cear mas todos eles de figuras importantes, enfáticos e aborrecidos. Prefiro então mil vezes cear em companhia da minha empregada num restôran modesto onde a comida seja gostosa e o ambiente simpático.

Augusto- Eu não sei si não lhe parecerá demasiada ousadia oferecer-lhe a minha companhia mas se estivesse disposta a conceder-me este prazer tão grande eu iria levá-la num restôrant agradabilissimo onde se come admiravelmente bem.

Ana - Aceito encantadissima o seu convite. Eu estava justamente a pensar como resolveria este problema. Sim, isto para mim constitue um problema porque não conhecendo nada aqui tudo se torna difícil para resolver.

Augusto- Pois bem, neste caso então, quando quizer poderemos ir. Se quer trocar de roupa eu me retiro um momento.

Ana - Não, não. Vou assim. Botarei apenas um abrigo, naturalmente, porque a noite deve estar fria aí fóra.

Augusto- Está bem fria, sim. Agasalhe principalmente a sua garganta.

Ana - Levarei esta echarpe. (Pausa) Estou pronta. Podemos ir, se quizer.

Augusto- Vamos, sim.

(CORTINA MUSICAL)

- Augusto - Hoje, como sempre, estiveste admirável, minha querida. Somente não te pude apreciar como nas noites anteriores porque ha dentro do meu coração um espinho que fêre e magôa - a tua partida depois de amanhã. Essa ideia me tor tura e rouba-me o prazer de tudo.
- Ana - Também eu Augusto, também eu sinto-me possuída dessa mesma sensação que confrange e que não nos permite gozar, em toda a sua essencia, os bons mo mentos que ainda nos restam.
- Augusto - Vou sentir tantas saudades de você, Ana Teodôra! Nem sei se poderei aos tumar-me à sua ausencia. (Pausa) Foram doze dias de felicidade dos quais nunca me esquecerei. Se eu pudesse...
- Ana - (após uma pausa) Se você pudesse...
- Augusto - Não, Ana, não vale a pena dizer. Para que? Você tem a sua gloria, a sua ar te, o seu público... Você precisa de tudo isto para viver.
- Ana - Se você pudesse, Augusto... fale. Diga o que você pensou. Sou eu que lhe peço que diga.
- Augusto - Se eu pudesse você não partiria. Ficaria comigo.
- Ana - É mesmo, Augusto? Você gostaria que eu ficasse? Era isto, era isto apenas que eu desejava ouvir de você para dizer-lhe que é também este o meu imen so desejo.
- Augusto - Você teria coragem de renunciar a tudo pelo meu amor?
- Ana - A tudo sim Augusto. O tudo para mim é o seu amor. Se você me deixasse par tir eu iria tristissima e desiludida de você.
- Augusto - Mas Ana, eu não poderei oferecer-lhe mais do que uma casinha modesta e uma vida completamente diferente da que você tem levado até hoje.
- Ana - Não importa, Augusto. A teu lado eu estarei feliz.
- Augusto - E os teus contratos? Eles não imporão severas penas em caso de rescisão?
- Ana - Que me importam os meus contratos? As minhas joias hão de produzir mais do que o suficiente para o pagamento das multas impostas.
- Augusto - Não, Ana... eu não sei se deva aceitar tanto de ti... Não sei se terei es se direito.
- Ana - Não me amas, Augusto?
- Augusto - Amo-te mais que a tudo nesta vida, Ana Teodôra.
- Ana - Pois então saibas que o amor que me ofereces vale mais para mim que os meus contratos, as minhas joias, a minha carreira, a minha gloria e o meu públi co. Estou resolvida a ficar, Augusto. A ficar contigo numa casinha modesta, mas onde haverá a fortuna imensa do nosso amor. Tu trabalharás e eu cuida rei dos arranjos domesticos. Prepararei o teu almoço, o teu jantar, cuida rei da tua roupa e aos domingos, como os mais simples burguezes, iremos aos cinemas dos bairros. Voltarei à vida que tive, em menina e que tantas sau dades me deixou. Desta vez, porem, será uma vida muito mais completa, pore que terei a meu lado o grande amor ~~xxxxxxxxxxxx~~ do meu coração! Estás con tente, Augusto? Estás contente com a minha resolução de ficar?
- Augusto - Ainda me perguntas? Então não vês nos meus olhos e na minha voz a alegria e a comoção de que me sinto possuído? Deixa-me que te abraçe e que te beij e. (Pausa. Beijo) Apertando-te contra mim, não é possível que deixes de sentir o meu coração a bater descompassadamente.
- Ana - Sinto-o, sim, Augusto. E estou tão feliz, tão feliz que quizera morrer nes te ~~xxxxxxxx~~ momento para não ter que chorar mais tarde a saudade deste ins tantel

Ana - Vieste mais cedo hoje, porque?

Augusto - Porque estava louquinho de saudades tuas. Não sei o que fizeste da minha vida, Ana Teodora, que só me sinto bem e feliz perto de ti.

Ana - Como me fazem feliz as tuas palavras, Augusto! Quero que seja sempre, sempre assim.

Augusto - Tudo dependerá de ti. Enquanto tu me quizeres será sempre assim.

Ana - Hei de querer-te sempre, Augusto. Mas senta-te um pouco, meu querido. Deves estar cansado. Trabalhas o dia todo de pé. Queres jantar mais cedo com este livro e vou preparar um quitutesinho bem gostoso.

Augusto - Não. Vim mais cedo para casa porque estava com saudades tuas. Quero-te junto de mim. Sabes que dia é hoje?

Ana - Sei. Pensaste que me tivesse esquecido? Não. Só não te havia falado nada para ver se te havias lembrado.

Augusto - Seis mezes que te conheci e seis mezes que passei a viver a verdadeira vida! Trago-te uma lembrancinha comemorativa à data.

Ana - Augusto!

Augusto - Um pequenino relógio com diamantes. Uma joia pequena e modesta mas que ha de marcar, de hoje em diante, as horas da nossa felicidade!

Ana - Lindo! Lindíssimo, meu querido! Mas para que foste fazer uma despesa destas meu amor?

Augusto - Não te preocupes. A sorte me acompanha e consegui realizar ontem um bom negócio que me permitiu esta despesa extraordinária sem maior sacrifício das minhas escassas finanças. Só o que desejo é que ele tenha te agradado realmente.

Ana - Mas estou encantada, meu querido. Revelaste mais uma vez o gosto esplendido que possues.

Augusto - É a primeira joia que te ofereço em compensação às muitas que tu perdeste por minha causa.

Ana - Nem fales nisto. Elas não tinham nenhum valor para mim e não me custou absolutamente nada separar-me delas. Olha. Repara como ficou bonito no meu braço. Não o trocária por coisa alguma deste mundo!

Augusto - Obrigado, meu amor. És um encanto. Sabes que tracei um programa para esta noite?

Ana - Sim? Qual é ele?

Augusto - Iremos jantar no restôran montenhez, naquela mesma mesinha onde estivemos há seis mezes atrás. Já mandei reservá-la.

Ana - Ótimo. Foi uma ideia extraordinária! Se pudessemos ir à mesma hora e com as mesmasroupas ficaria ainda muito mais interessante.

Augusto - Mas poderemos. Porque não. Não guardaste aquele vestido?

Ana - Guardei-o, sim, Augusto mas...

Augusto - Mas o que?

Ana - Augusto... será possível que ainda não tenhas notado? O vestido não me serviria mais. Lembra-te que outro dia me surpreendeste a fazer uns sapatinho de lã?

Augusto - Sim. Tu me disseste que eram para a filha da nossa vizinha que está esperando um bebesinho.

Ana - Eu menti, Augusto. Eram para o nosso bebesinho.

Augusto- Para o nosso... Ana querida! Isto é mesmo verdade?

Ana - É verdade, sim, meu amor. Dentro de quatro meses ele estará conosco. (Pausa) Estás contente? Muito contente? Terás bastante amor para dar-lhe sem que roubes um tiquinho do que me pertence?

Augusto- Sim. Hei de adorá-lo, estou certo, mas hei de querer-te muito mais.

(CORTINA MUSICAL)

José - Não te posso auxiliar em nada, meu filho. A situação está difícil para mim também. Tenho várias promissórias vencidas e outras várias vencer-se. Nem sei para que lado hei de me virar.

Augusto- Mas papai e o seu amigo? O Comendador não deixaria de auxiliá-lo se o senhor lhe pedisse.

José - Já nem tenho coragem de pedir-lhe mais nada. Ele nos poderia salvar, sim, mas de outra maneira.

Augusto- Pois então?

José - Mas essa outra maneira não é de mim que depende. É de ti.

Augusto- De mim, meu pai? Pois então diga o que é necessário fazer.

José - Vou dizer-te, sim. Tu bem sabes a estima que o Comendador tem por ti. Na última vez que fui procurá-lo, para dar-lhe uma satisfação por não ter pago as promissórias vencidas, ele deu-me a entender que a sua filha mais velha, a Belmira, tem um afeto todo especial por ti. Eu fiquei embaraçado com o assunto e desconversei. Ontem, por acaso, encontramos-nos à porta do Banco Real e ele me falou claramente no assunto. Acabou por me dizer que te falasse na Belmira e que uma vez assentado o casamento as promissórias seriam todas inutilizadas. Como vês, isto representaria não só para mim mas principalmente para ti um altíssimo negócio.

Augusto- Mas papai eu...

José - Já sei. Já sei o que vais dizer. Vives lá com uma cantora mas isso é um peccado que se resolve facilmente. Basta que leve o teu sim ao Comendador e a sua bolsa se abrirá para nós. Com dinheiro na mão todas as dificuldades são removíveis. E depois convenhamos que ficarás muito bem servido. A Belmira é uma moça bonita e além do mais educada, inteligente, fina...

Augusto- Sim, sim, bem sei. Não digo o contrário... mas a questão, papai, é que essa creatura com quem vivo ha quasi oito mezes é uma creatura que abandonou tudo por minha causa. Fama, ideal, aplausos e joias. Parece-me que seria agora uma deshumanidade abandoná-la à sua propria sorte por um casamento de conveniencia.

José - Se ela te quizesse realmente e soubesse o que este casamento representa para ti e para mim, seria a primeira a aconselhar-te que o realizasses. E depois tu deves compreender que todo o homem precisa construir o seu lar precisa casar, constituir familia e que com uma mulher da especie da que vives nada disto seria possivel. A menos que tivesses enlouquecido e desejasses fugir de todos nós para sempre.

Augusto- Não, papai, isso não mas...

José - Deixa-te de tolices e de indecisões, meu filho. Na vida só ha uma coisa que vale. O dinheiro. Com ele tem-se tudo. Até amor e carinho. Eu sou velho, tenho bastante experiencia da vida, posso muito bem afirmar-te isto sem receio de errar. Belmira te proporcionará uma vida regalada, sem a preocupação do dia de amanhã e além disto te quer muito e te fará sentir feliz a seu lado.

Augusto - Mas papai, ha uma circunstancia que o senhor desconhece. Ana Teodóra vai ser mãe dentro de pouco tempo.

José - O que tem isto? Pretendes sacrificar o teu futuro e toda a tua vida por causa de um filho ilegítimo?

Augusto - Mas é uma deshumanidade abandoná-la justamente agora.

José - Deshumanidade muito maior é abandonares teu velho pai ao seu proprio destino quando podias salvá-lo. E depois, uma vez inutilizadas as promissórias que assinei ao Comendador, já a situação de desafogo em que me encontraria havia de me permitir que eu a protegesse até que ela se desembaraçasse da dificuldade do momento e depois lhe desse aí uma soma apreciavel para que ela fôsse embora e continuasse a sua carreira interrompida. (Pausa) E então? O que resolves?

Augusto - Não sei, meu pai. Eu estou completamente tonto. Gostaria que o senhor me desse ao menos algum tempo para pensar.

José - Pois bem, dou-te duas horas para refletires no assunto. Mas pensa bem no que te diz a minha experiencia: na vida só ha uma coisa que vale - o dinheiro.

(CORTINA MUSICAL)

José - Não se levante. Esteja a gosto. A senhora desejava falar com meu filho, não é verdade?

Ana - Sim, realmente... peço-lhe perdão de ter vindo á sua casa mas... eu estou tão aflita, tão nervosa... cheguei a pensar que pudesse ter havido alguma coisa com ele...

José - Tranquilize-se, tranquilize-se. Não houve nada de maior.

Ana - Eu desejava vê-lo, falar-lhe...

José - Lamento muito mas de momento ele não está. Quer deixar algum recado eu poderei transmiti-lo.

Ana - Não, obrigada. Era com ele mesmo que eu precisava falar. O senhor não poderá ter a bondade de me dizer onde poderei encontrá-lo agora? Desculpe a minha insistencia mas eu não posso continuar neste estado. Tenho medo de enlouquecer. Diga-me, por favor, sim? Diga-me onde poderei encontrá-lo agora.

José - Onde ele se encontra, neste momento, a senhora não poderá falar-lhe. Ele está justamente em casa da noiva.

Ana - Em casa da... O senhor disse em casa da noiva?

José - Sim. A senhora não sabia que ele está noivo?

Ana - Não sabia, juro-lhe. Ele nunca me disse nada.

José - E vai casar brevemente. Ele foi lá justamente para aprazar a data. (Ana desata a chorar convulsivamente) Mas porque está chorando? A senhora então já não sabe que as ligações como a sua não podem durar indefinidamente?

Ana - (chorando) Que horror, meu Deus!... Quanta maldade!... O que será de meu filho agora?

José - Não se preocupe por isto. Tenha calma.

Ana - Como não hei de me preocupar? Como posso ter calma se vejo aproximar-se a hora em que ele ha de nascer, sem saber o que fazer e nem ter para onde ir?

José - A senhora terá tudo que necessitar. Meu filho encarregou-me de lhe dar todo o amparo material que precisasse. Os homens não são assim tão deshumanos como a senhora pensa. Vou lhe dar o meu cartão e quando chegar o momento da senhora baixar ao hospital entregue-o na portaria que eles se entenderão comigo pelo telefone. (Pausa) Aqui o tem. Põe escolher o Hospital que quizer.

Ana - Obrigada. Bem quizera poder recusá-lo mas por meu filho não terei esse direito.

José - Mas não tem porque recusar um auxilio que lhe dou de tão boa vontade numa situação que reconheço das mais difíceis.

Ana - Passe bem, meu senhor. Desculpe tê-lo importunado.

José - Óra, óra, não diga isso. Se precisar alguma coisa, antes, aí tem o meu telefone.

(CORTINA MUSICAL)

Cacilda - Aqui está, meu senhor.

José - Menino ou menina?

Cacilda - É um menino.

José - Graças a Deus!

Cacilda - Ele é bem fortesinho, felizmente. Veja.

José - Não se parece nada com meu filho.

Cacilda - É uma criança de pouco mais de trez horas de vida. Ainda não é possível tirar-se qualquer parecença, em todo o caso parece-me que puxará mais ao tipo da mãe.

José - E ela, como está?

Cacilda - Quando saí do Hospital estava ainda desacordada. Passou malissima. Quasi morreu.

José - Ele está dormindo?

Cacilda - Sim. Parece muito quieto o bichinho. Só chorou no momento de se dar o banho. Depois mamou e não incomodou mais.

José - Pôde deitá-lo aí no sofá. Depois que a senhora tiver saído chamarei a empregada que tomará conta dele.

Cacilda - (após uma pausa) Está. Quer acertar agora mesmo as nossas contas ou deve rei procurá-lo depois?

José - Não ha necessidade de voltar. Poderemos resolver isto agora. A quanto montou a despesa total?

Cacilda - Podemos ver aqui num instante. São dois mil cruzeiros para o médico, mil para o auxiliar e... quinhentos para cada uma das duas enfermeiras do berçario...

José - Temos aí quatro mil cruzeiros.

Cacilda - Mais a despesa do automovel e a minha parte.

José - Bem, são então seis mil e cem cruzeiros. Vou dar-lhe um cheque que a senhora poderá receber amanhã no Banco Real. (Ruido de escrever) Pague-se ao portador... seis mil e cem cruzeiros... (Pausa. Ruido de escrever) Está. Amanhã é só chegar no Banco e apresentar este cheque que lhe será entregue o dinheiro.

Cacilda - Está muito bem. Obrigada. Ah é verdade... se necessitar de uma pessoa de absoluta confiança para encarregar-se de cuidar do pequeno eu poderei arranjar-lhe uma em condições.

José - Por enquanto não é necessário. Tenho aí uma preta velha que já cuidou do pai dele e ela se encarregará de criá-lo. Em todo o caso se eu tiver necessidade telefonarei ao Hospital e falarei á senhora.

Cacilda - Perfeitamente. Poderei arranjar-lhe uma pessoa muito boa e com prática de cuidar de crianças.

José - Creio que sobre o silencio absoluto em torno deste assunto não será necessário fazer mais recomendações à senhora?

Cacilda - Não precisa ter o menor cuidado, meu senhor. Pode confiar inteiramente em mim que eu sei fazer as coisas bem feitas. Ih! quantos fatos semelhantes já tem acontecido lá dentro e nunca se soube uma só palavra aqui fora. Eu estou acostumada a estas coisas. Raptos, moças que querem esconder os filhos... enfim, toda a sorte de trapalhadas a Cacilda está metida no meio. Eu sou macaca velha nesse galho. Pode estar inteiramente tranquilo.

José - Muito bem. Quando a moça sair mande-a lá ao meu escritório para entender-se comigo. Quero ver se a exporto daqui para bem longe.

Cacilda - Ah, seria muito melhor, sem dúvida.

José - Recomende-a de não vir à minha casa, ou melhor, diga-lhe que eu me mudei e que a senhora não sabe para onde. Ela que vá no escritório.

Cacilda - Sim, sim. Eu lhe recomendarei isto expressamente. Bem, agora devo voltar ao Hospital que já me demorei bastante e o auto está aí à porta à minha espera. Obrigado então, meu senhor e... qualquer coisa já sabe. Cacilda Orleans às suas ordens.

José - Passe bem, passe bem. Muito obrigado.

(CORTINA MUSICAL)

Cacilda - E então, como se sente agora?

Ana - (muto débil) Tonta... muito tonta...

Cacilda - É o efeito da anestesia. Isso irá passando aos poucos.

Ana - A cabeça parece que anda à roda... tudo gira... tudo gire em torno de mim.

Cacilda - Procure manter os olhos fechados que estará melhor. Não se animaria a tomar agora um bocadinho de caldo?

Ana - Não sinto vontade...

Cacilda - Mas deveria alimentar-se mesmo sem vontade. Ficaria mais forte e reagiria melhor.

Ana - Depois... agora não...

Cacilda - Deixe-me ver o seu pulso. (Pausa) Está um pouco fraco.

Ana - Eu queria... perguntar-lhe uma coisa...

Cacilda - Pois não. O que é que queria saber?

Ana - O meu filho...

Cacilda - O seu filho... Bem, bem, não falemos nisto agora. A senhora não deve se exceder e já falou bastante. Amanhã de manhã conversaremos e eu lhe direi tudo que se passou.

Ana - Não, não... quero saber... diga agora...

Cacilda - Para que? É mais prudente que seja amanhã. A senhora irá aborrecer-se e isto poderá prejudicá-la. Amanhã a senhora já estará mais calma, já estará mais forte...

Ana - Ele morreu... não é verdade?... (Pausa) Diga... ele morreu... eu o sinto nas suas palavras...

Cacilda - Bem, já que a senhora insiste eu serei obrigada a dizer-lhe a verdade. Ele morreu, sim. (Pausa) Mas não fique triste. Foi melhor assim. Era uma criança anormal. Completamente deformada.

Ana - Que terei feito a Deus... para sofrer um tão grande castigo?...

Cacilda - Não pense mais nisto agora. Veja se consegue dormir um pouco para descansar. A senhora está completamente extenuada.

Ana - Sim, tem razão... eu preciso dormir... para esquecer...

Cacilda - Tudo passa na vida. O bem e o mal. Existe até aquele provérbio de que "há bem que sempre dure e mal que se não acaba". A senhora ainda tem o refúgio da sua arte. Trate de se restabelecer, volte à ribalta que muitas e muitas horas de alegria e de glória ainda lhe estarão reservadas.

Ana - Qual... não creio... Tenho a impressão... de que tudo acabou... para mim.

Cacilda - Isso é o que sempre nos parece quando nos sentimos deprimidos. Quando conseguimos nos reanimar, volta, com a força, o desejo de sentirmos novamente a alegria de viver. E triste de nós se não fôsse assim! Bem, bem, já conversamos bastante e isto pode prejudicar-lhe. Fique quietinha aí, com os olhos fechados que o sono não tardará a envolvê-la.

(CORTINA MUSICAL)

ANÚNCIOS

José - Já se sente bem forte agora?

Ana - Sim, felizmente agora já me encontro mais animada. Dona Cacilda disse-me que o senhor havia pedido a ela que eu viesse procurá-lo em seu escritório.

José - Sim, realmente. Eu não desejava que a senhora ficasse por aí a passar trabalhos e desejava oferecer-lhe uma passagem e alguns recursos para que a senhora pudesse prosseguir a sua carreira interrompida, isto, naturalmente, se desejar reencetá-la.

Ana - Desejo, sim. É o meu único objetivo agora. Se meu filho não tivesse nascido morto os meus projetos seriam outros. Deus não quis que ele sobrevivesse para confortar-me no meu desalento...

José - (Pausa) Deus escreve direito por linhas tortas, acredite. Sabe lá que trabalhos estariam reservado à senhora se tivesse que criá-lo e educá-lo.

Ana - Mas de qualquer forma eu não estaria tão só como estou hoje.

José - Bem, não falemos mais nisto que a entristece, naturalmente. Diga-me uma coisa: foi bem tratada no hospital? Tive o cuidado de recomendá-la muito.

Ana - E as recomendações não foram inúteis. Melhor do que me trataram não era possível. Vim mesmo aqui mais para agradecer o seu interesse.

José - Óra, óra, nada tem que me agradecer, menina.

Ana - A enfermeira chefe, dona Cacilda, essa então foi de uma dedicação e de um carinho sem limites. Nem sei como poderei pagar-lhe tanto bem.

José - Ela gosa, realmente, da fama de ser muitíssimo bondosa. Mas deixemos o que passou e tratemos do seu futuro. Como já disse, foi para isto que lhe mandei pedir que viesse até cá. Para onde pensa que poderia ir, no momento?

Ana - O meu desejo era ir diretamente para Buenos Aires. Estudar lá alguns meses e depois ingressar em qualquer companhia.

José - Pois muito bem. Vamos então tratar disto. Eu lhe pagarei a passagem e lhe darei mais uma soma que lhe permita estudar alguns meses sem se preocupar com as despesas. Volte aqui amanhã às duas horas que já encontrará tudo encaminhado. Está bem?

Ana - O senhor tem sido tão generoso comigo que nem sei como lhe agradecer.

José - A senhora merece. Se assim não fôsse, nada teria de mim.

Ana - Bem, não devo interrompê-lo por mais tempo. Voltarei então amanhã às duas horas.

José - Perfeitamente. Vamos a ver se dentro de uma semana a senhora já poderá estar em Buenos Aires.

(CORTINA MUSICAL)

Augusto - Ela voltou. Meu pai deu-lhe a passagem e alguns contos de reis para os estudos. Sua intenção era entregar o menino a alguém que o criasse e educasse longe dele. Aconteceu, porém, que a senhora que deveria encarregar-se deste sofreu uma queda de uma escada e partiu uma perna. Esteve vários meses na cama e o menino foi ficando por lá à espera de que ela se restabelecesse. Quando isto aconteceu já meu pai havia criado amizade ao menino e não quis mais separar-se dele. Deu aos amigos a desculpa de que o haviam engeitado à sua porta, batisou-o com o nome de Evandro, tratou-o sempre com carinho e amizade mas nunca escondeu, mesmo dele próprio, a sua condição de engeitado. O tempo foi passando, o menino foi crescendo e meu pai, como era natural, envelhecendo. Uma noite - já tinhas tu quasi oito anos - fui chamado com urgencia à casa de meu pai. Lá chegando, encontrei-o às portas da morte. Ao aproximar-me da sua cama pôde ele ainda me reconhecer e dizer as seguintes palavras...

(Frâse musical)

José - Aproxima-te mais... para que ouças melhor... o que vou te dizer, filho...

Augusto - Sim, papai. Não é necessário fazer um esforço tão grande. Eu estou lhe ouvindo muito bem.

José - Tenho comigo... uma grande preocupação...

Augusto - Já sei, meu pai. Preocupa-o o futuro do Evandro, não é isto o que ia dizer?

José - Justamente...

Augusto - Pois bem, não seja este o motivo da sua preocupação. O senhor diga o que deseja que se faça com ele.

José - Eu queria... que o recolheses... à tua casa...

Augusto - À minha casa, papai?

José - Sim. Bem sei... que tens uma filha... mas não será difícil... ~~XXXXX~~ ainda que na mesma casa... conservá-los... afastados... um do outro...

Augusto - Bem, papai, isto é uma coisa que eu não posso resolver sósinho. Falarei à Belmira, contar-lhe-ei toda a verdade e se ela concordar Evandro ficará conosco. De qualquer maneira, porém, o senhor não se preocupe porque ele não ficará desamparado.

José - Belmira é bôa... e eu estou certo... que não me negará este desejo... Pôdes dizer a ela... que é o último pedido que lhe faço.

(Frâse musical)

Augusto - Na mesma madrugada meu pai expirava e Belmira não desmereceu a confiança que ele depositara na sua bondade. Apesar de todas as minhas alegações e advertencias fez questão de trazer Evandro para cá. Ele foi logo advertido de que não deveria aproximar-se de ti e tu ameaçada com castigos e até palmadas quando fôsses surpreendida a brincar com ele. Mas, como parece que sentimos tentação de fazer justamente o que nos é proibido ou porque já estivesse traçado no livro do destino que isto teria que acontecer mais tarde, para castigo do meu crime, de nada adiantavam ameaças nem proibições. Lembrou-me ainda uma tarde em que os surpreendi a jogarem bola no jardim.

- Tu, mal me viste e desandaste a correr para dentro de casa, parando de vez em quando a olhar muito assustada para traz. Evandro, vermelho até á raiz dos cabelos, ficou como que petrificado no mesmo lugar.

(Fráse musical)

Augusto - Evandro: quais foram as recomendações que eu fiz a você, a respeito de Marília?

Menino - De não brincar com ela, seu Augusto.

Augusto - E porque você teima em desobedecer-me? Você não sabe que me contraria?

Menino - Sei, sim, seu Augusto, mas eu não tenho culpa. Foi a Marília que me convidou. Eu disse pra ela: "o seu Augusto não quer que eu brinque contigo". Ela respondeu assim: "O papai não está aí, nem a mamãe. Vamos aproveitar".

Augusto - Pois é, mas você sabendo que nem ~~mamãe~~ eu nem dona Belmira querendo, você não deveria atender os pedidos de Marília nem mesmo quando nós estivessemos ausente. Para isto você é mais velho e tem mais compreensão.

Menino - Mas eu não atendi, seu Augusto. Eu disse pra ela que não e peguei a bola e vim sózinho para o jardim. Quando foi daí um bocado ela chegou e se meteu no jogo.

Augusto - Você pegasse a bola e fôsse para dentro. Porque não fez isso?

Menino - Pois é, eu não me lembrei. O senhor desculpe, eu não faço mais. E o senhor não dê nela, sim seu Augusto? Ela não fez por mal. É pequena, não sabe.

Augusto - Pois é, se você não quer que ela apanhe por sua causa, sempre que ela vier para o seu lado encerre-se no seu quarto e não lhe dê conversa.

Menino - Está bem, seu Augusto, eu faço. Mas porque é que nós não podemos brincar juntos, hein seu Augusto?

Augusto - Porque você é um menino e ela uma menina. Os brinquedos são diferentes. Acontece que depois ou você fica homem acostumado a brincar com bonecas ou ela fica moça acostumada a jogar foot-ball. Tanto uma coisa como a outra é feia.

Augusto - Ah pois é. (Pausa) Mas tem uns brinquedos que servem para menino e para menina. O jogo do moinho, aquelas casinhas de armar, o jogo dos soldadinhos... não, o jogo dos soldadinhos é só para menino. Mas tem outros que também servem.

Augusto - Pois é, mas vocês o que preferem é a peteca, o foot ball, o péga-péga e outros brinquedos de correrias e empurrões que nós não admitimos. Você já fez as suas lições de amanhã? Aposto que ainda não.

Menino - Já fiz, sim, seu Augusto. Só faltam quatro problemas que eu não consegui acertar e que eu estava esperando que o senhor chegasse para me dar uma explicação.

Augusto - Pois bem, então vamos para dentro tratar de resolver esses problemas.

(Fráse musical)

Augusto - Pois bem, não foi essa a única vez que tive que repreendê-lo. Muitas outras vezes os surpreendi juntos e finalmente, para acabar de vez com aqueles aborrecimentos, resolvi, com Belmira, interná-lo num collegio. Um domingo por mez, no entanto, ele vinha passá-lo em casa, connosco e aquele dia era sempre um dia de aborrecimento para nós. Vocês não se despegavam. Ao fim de cinco anos Evandro completou seu curso e voltou novamente para nossa companhia. Já estava então com quasi dezoito anos e aprendêra a dissimular. Iludiu a nossa vigilancia e conseguiu conquistar-te sem que nos apercebessemos.

Marília - Não, Papai, não o acuse. A culpa foi sempre minha. Eu é que o procurei.

- Augusto - A culpa não é tua nem dele. Será antes minha. Ou talvez nem minha. A culpa é da vida que se compraz em criar situações insolúveis, como esta, para se deleitar, depois, com os sofrimentos que nos causa.
- Marília - Nós é que fazemos a vida boa ou ruim, papai. O grande erro, a meu ver, foi essa oposição sistemática a que nos criassemos lado a lado, quando isto talvez tivesse desenvolvido entre nós uma grande amizade em vez de um amor impossível.
- Augusto - Sim, filha. Tens toda a razão. Esse é que foi o nosso grande erro. De qual quer forma, porém, eu espero que terás compreendido que a nossa intenção foi boa. Sei que te causei uma profunda mágoa com a confissão que te fiz e te fazer mas espero e peço-te que me perdoes e que compreendas que se é grande o teu sofrimento por ver assassinado o teu sonho de amor, para mim é uma tortura cruel ter sido a mão assassina que o apunhalou. Eu... teu pai... e que te quero tanto!...

(CORTINA MUSICAL)

- Belmira - Creio, Augusto, que teremos que tomar alguma providência com respeito à nossa filha. Ontem, todo o dia, não houve possibilidade de aceitar alimento algum, hoje persiste na mesma teimosia.
- Augusto - Deves vigiá-la, Belmira. Vigia-la constantemente. Impressionou-me profundamente a maneira calma e resignada com que escutou a sentença de morte ao seu amor por Evandro.
- Belmira - Tenho estado sempre com ela, Augusto. Sinto que nada lhe adianta a minha companhia pois parece sempre alheia ao que se passa em torno de si e quando lhe dirijo a palavra parece que nem me escuta, em todo o caso continuo no meu posto.
- Augusto - E ele? Não perguntou nada? Não extranhou a falta dela na mesa ontem e hoje?
- Belmira - Sim. Ele hoje me perguntou por ela. Disse-lhe que estava indisposta e que possivelmente ficaria recolhida uns dois ou tres dias mais.
- Augusto - Não te parece que seria de bom alvitre fazermos uma viagem com ela?
- Belmira - Talvez. Pelo menos a mudança de ar poderia fazer-lhe bem. Ela está muito desfigurada. Muito desfeita. (chorosa) Pobre da minha filha.
- Augusto - Não chores, Belmira. Não chores que aumentas a minha aflicção. Pediste a ela que nada dissesse a Evandro sobre a minha confissão?
- Belmira - Pedi, sim, mas não creio que me tivesse ouvido. Permaneceu com o olhar perdido no espaço, inteiramente longe. Tu devias ir vê-la, Augusto. Podia ser que a tua voz a despertasse daquela letargia em que se encontra. E depois é possível que encontres mais palavras do que eu para consolá-la. Eu já exgotei as que sabia.
- Augusto - Sim, bem sei que deveria ir vê-la mas custa-me tanto! Tanto, Belmira! O que escreveu ela ontem à noite, não sabes?
- Belmira - Não sei. Esperei que ela dormisse para ver se conseguia deitar mão ao papel mas foi inútil. Ela tinha os olhos fechados mas não dormia. Ao menor movimento que eu fizesse suas pálpebras se abriam immobilizando-me os movimentos.
- Augusto - Bem, vou tentar falar-lhe. Vou fazer-lhe a proposta de uma viagem. Pôde ser que a ideia a reanime um pouco. (ouve-se um tiro ao longe) Belmira!..
- Belmira - Um tiro, meu Deus!... (Passos precipitados que se afastam)
- Augusto - Foi ela!... Foi ela, sim!... O coração me diz que foi ela!... (ouve-se, ao longe um grito de terror).

- Evandro - Eu desejava falar pessoalmente com o diretor do Retiro dos Artistas. Será possível?
- Uma voz - Pois não. Tenha a bondade de passar. (Passos. Ruído de porta que se abre) Dr. Márcio, um senhor deseja falar-lhe.
- Márcio - Entre. (Passos que se aproximam)
- Evandro - Bom dia doutor.
- Márcio - Bom dia. Tenha a bondade de sentar-se.
- Evandro - Doutor, desculpe se o interrompo no seu trabalho mas eu venho de longe e a minha estadia não poderá ser longa.
- Márcio - Óra, óra, meu amigo, nós estamos aqui justamente para atender a quem nos precise. Estou inteiramente às suas ordens.
- Evandro - Ando à procura de ~~uma~~ de uma artista que foi famosa em outros tempos e que - segundo informações colhidas - acha-se aqui ha alguns anos.
- Márcio - Perfeitamente. Quem é ela?
- Evandro - Ana Teodóra. Conhece-a?
- Márcio - Conheci.
- Evandro - Porque? Ela morreu?
- Márcio - Não. Mas quem conheceu Ana Teodóra nos seus aureos tempos não será capaz de reconhecê-la hoje. Foi incrível a ação do tempo sobre a pobre creatura. Foi linda. Lindíssima! Empolgou as plateias pela sua arte e pela sua voz e arrebatou o coração dos homens pela sua extraordinária beleza. Deve ter sofrido muito, do contrário não seria possível que somente a ação do tempo a transformasse daquela maneira. Como a sorte é caprichosa, meu amigo! Uma mulher que teve uma fortuna nas suas mãos vir terminar os seus dias numa casa como esta!...
- Evandro - A roda da fortuna anda e desanda. Todos sabemos disto.
- Márcio - E de que maneira desandou para a pobre Ana Teodóra!... Quando algumas almas caridosas empenharam-se em trazê-la para cá ela mendigava pelas ruas de Buenos Aires. Bem, mas vamos ao que serve. O senhor desejava vê-la?
- Evandro - Sim. Tenho uns documentos que necessitava entregar-lhe em mão.
- Márcio - Pois bem, meu amigo, vou mandar chamá-la. Foi pena que o senhor não a tivesse conhecido antes para poder ter uma ideia perfeita da destruição que o sofrimento operou no seu semblante. (Campainha de chamada) Uma coisa de causar dó na gente.
- Uma voz - (ao longe) Pronto, doutor.
- Márcio - Abelardo, faça vir aqui ao gabinete a senhora Ana Teodora. Diga-lhe que está aqui uma pessoa que necessita falar-lhe.
- Uma voz - Perfeitamente, doutor. (Passos que se afastam)
- Márcio - Esta casa, meu amigo, é uma casa de tristezas. Uma casa habitada por sombras. Bem poderia chamar-se o Retiro do Passado. Aqui é um túmulo de glórias. Uma sepultura da fama. Todos os que aqui esperam pacientemente a morte tiveram o seu tempo de apogeu. Aplausos e flôres lhes foram tributados. Hoje... a solidão e o esquecimento. A campanha que nos seus camarins lhes assinalava o momento de entrarem em cena e receberem a consagração do público, foi substituída ~~uma~~ por uma outra, geral, que os arranca da pobreza de seus quartos para a simplicidade fria de um refeitório comum. E todos acodem lentos e silenciosos, trazendo a saudade nos olhos amortecidos pelo tempo e pelos desenganos! (Duas batidas na porta) Entre.

Ana - (de longe - voz cansada, de velha) O senhor queria falar-me, doutor?

Márcio - Sim, dona Ana. Aproxime-se, por favor. (Passos lentos que se aproximam)
Este cavalheiro é que deseja falar-lhe. Vou deixá-los a sós para que estejam
mais à vontade.

Evandro - Obrigado, doutor, muito obrigado. (Passos que se afastam. Ruído de fechar
porta).

Ana - A quem tenho a honra de falar, meu senhor?

Evandro - Ah, sim. Meu nome... quer dizer... o nome com que fui registrado é Evandro
Padilha, entretanto, verdadeiramente deveria chamar-me Evandro Alberto de
Magalhães.

Ana - Albertan... Albertan era o meu nome de família. Não costumava assiná-lo mas
era. Meu nome todo era Ana Maria Teodora Albertan. Usava só Ana Teodora.
O senhor será, por acaso, filho de alguma parenta minha?

Evandro - Talvez. Quem sabe? O segundo nome - Magalhães - não lhe sugere nada?

Ana - Magalhães! Este nome foi, dos que ~~passaram~~ passaram pela minha vi-
da, o que me deixou um sulco mais profundo de sofrimento. Posso mesmo dizer-
lhe que foi ele a causa da minha ruína e da minha miséria. Mas deixemos
isto de parte. Para que recordar coisas mortas? Isso é uma história que só
a mim interessa. ~~Se~~ O senhor é muito novo, não poderá lembrar-se de mim.
Sabe que fui artista lírica?

Evandro - Sei, sim. Sei que teve um nome aureolado de glórias, até.

Ana - Glórias efêmeras! Triunfos passageiros! Mas... é esta a vida do artista.

Evandro - Diga-me: nunca teve desejo de trocar a vida da ribalta pela do lar? Ser
dona de casa, constituir família, viver para seu marido e seus filhos?

Ana - Sim. Pensei nisto uma vez. E foi a minha grande loucura. Retirei-me do
palco e dediquei-me inteiramente a um homem a quem amava com desespero.
Tive um filho desse homem mas esse filho nasceu morto. O homem me abando-
nou para casar-se e eu me vi inteiramente só e desamparada. Se ao menos
o meu filho tivesse nascido com vida eu talvez não estivesse aqui tão só
e abandonada. Ele seria para mim como uma luz no poente.

Evandro - Pois bem, vou deixar-lhe esta carta que me foi escrita por uma pessoa a
quem muito amei... e que já não existe. Não quero estar diante da senhora
quando tiver tomado conhecimento da revelação que esse documento encerra.
Mas voltarei depois.

Ana - O que quer dizer com isto? (Pausa) Que estranha revelação poderá conter
esta carta?

Evandro - Esta carta é a treva da aurora da minha existência e a luz do poente da
sua vida!...

12 badaladas. Apito sinuado. gritaria do mar. trovão.
(CORTINA MUSICAL)

Evandro - Sabe o que é isto aqui, minha mãe?

Ana - O que é, meu filho? Já não posso ler sem óculos.

Evandro - É um camarote para assistirmos a estreia de uma grande companhia lírica.

Ana - Que bom, meu filho! Quantas vezes, no Retiro dos Artistas, eu sonhei com
um momento destes!... Que ópera levarão?

Evandro - A Traviata. Gosta?

Ana - Foi um dos meus grande sucessos! Foi justamente a ópera onde firmei o
meu prestígio de grande cantora.

Evandro - Se acha que a emoção poderá lhe fazer mal poderemos deixar para outra noite.

Ana - Não, meu filho, não. Tenho vontade de ouvir ainda uma vez a Traviata. Dizem que recordar é viver. Deixa-me, pois, recordar!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIKANDO DEPOIS PARA FALAR O SPEAKER)

SPEAKER - Acabaram de ouvir "UMA LUZ NO POENTE" um novo e emocionante trabalho de Roberto Lis, escrito especialmente para o grande Teatro Difusora que tem o patrocínio exclusivo dos "CHUVEIROS ELETRICOS AMARAL".

Oçam no próximo domingo, às mesmas horas de hoje, mais um trabalho de Roberto Lis para o grande teatro Difusora.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)